

## “NA MÃO DE DEUS”: QUENTAL E UNAMUNO

Manuel Lázaro

Universidade Católica Portuguesa/ Faculdade de Teologia

Rua Diogo de Botelho, 1327, 4169-005 Porto - Portugal

351) 226 196 200 | [mpulido@porto.ucp.pt](mailto:mpulido@porto.ucp.pt)

Resumo: Na Revista *A Águia* (1 de Janeiro de 1911) Miguel de Unamuno publicou um soneto datado no dia 19 de Setembro de 1910. Um breve soneto que inicia com uma referência ao soneto de Antero de Quental “Na mão de Deus”. Pretendemos fazer um breve análise comparativo dos dois poemas e a relação entre poesia e filosofia, palavra e ideia e o lugar religioso como espaço privilegiado dum filosofar poético libertador: “Dorme o teu sono, coração liberto” (Quental), “libre de la losa del pensamiento” (Unamuno).

Palavras chave: Antero Quental, Miguel de Unamuno, Sonetos.

Abstract: Miguel Unamuno published in Journal *A Águia* (January 1th, 1911) a sonnet dated in September 19th, 1910. This sonnet start with a reference to the Antero Quental’s sonnet titled “Na mão de Deus”. We can to do a comparative analyse between both sonnets and the relationship poesy-philosophy and word-idea. Also we can show that the religious space is a privileged space to do a liberating poetic-philosophy: “Dorme o teu sono, coração liberto” (Quental), “libre de la losa del pensamiento” (Unamuno).

Key words: Antero Quental, Miguel de Unamuno, Sonnets.

## Na mão de Deus, na sua mão direita

ANTERO DE QUENTAL

Cuando Señor nos besas con tu beso  
que nos quita el aliento, el de la muerte,  
el corazón bajo el aprieto fuerte  
de tu mano derecha queda opreso.

I<sup>1</sup> en tu izquierda, rendida por su peso  
quedando la cabeza, á que revierte  
el sueño eterno, aun lucha por cojerte  
al disiparse su angustiado seso.

Al corazón sobre tu pecho pones  
y como en dulce cuna allí reposa  
lejos del recio mar de las pasiones,

mientras la mente libre de la losa  
del pensamiento, fuente de ilusiones,  
duerme al sol en tu mano poderosa

19-IX-10

Com data 19 de Setembro de 1910 aparecia publicado um soneto do pensador (filósofo, poeta, humanista, filólogo, professor...) Miguel de Unamuno, na revista *A Águia*. Era o primeiro número do ano 1911, dia 1 de Janeiro<sup>2</sup>. O Soneto aparece junto a um artigo sobre o “Natal e novo ano” de Leonardo Coimbra (aliás uma pequena escrita digna de estudo).

No início do soneto, na margem direita uma frase: “Na mão de Deus, na sua mão direita”. Quental. O soneto de Unamuno intitula-se: “En la mano de Dios”. O Soneto esta dentro do poemário *Rosario de sonetos líricos*<sup>3</sup>. Trata-se do soneto LXXVI, no livro aparece com as indicações de lugar e data: S. 17 X 10 (Salamanca, 17 de Outubro de 1910). A questão da data é entendido pelos especialistas como uma forma de articulação “paratextual”<sup>4</sup>, como os títulos. Assim o título do Poema não é colocado ao acaso. E isto não só porque faz referência ao poema de Quental – esta matéria abordar-se-á mais tarde. Neste segundo poemário praticamente em quase todos os poemas os títulos “constituem um sintagma ‘paratextual’ presente em todos os sonetos”<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> Aparece “I” quando em castelhano é “Y” e assim esta escrito no original.

<sup>2</sup> M. DE UNAMUNO, “Soneto”, *A Águia*, N.º 3 1ª Série, 1 de Janeiro de 1911

<sup>3</sup> M. DE UNAMUNO, *Rosario de sonetos líricos*, Imprenta Española, Madrid, s.a. [1911 ?], pp. 160-161.

<sup>4</sup> J. G. MAESTRO, “Polifonía y transtextualidad en *Rosario de sonetos líricos* de Unamuno”, *Archivum*, 41-42 (1991-1992) 213.

<sup>5</sup> *Ibid.*, 210.

Os sonetos de Unamuno inspiram-se, frequentemente, com a citação. Constitui um “pre-texto” a partir do qual construi-lo. O que pretende Unamuno, quando compõe nesse momento os sonetos, como ele afirma, não é desenvolver ou condensar um pensamento ou uma sensação, mas desenvolver um hendecassílabo, uma frase da qual gosta. A uma intervenção que não tanto do azar, ou do acaso e do irracional, mas uma oportunidade onde inicia-se um jogo criativo, onde a lógica do linguagem impõe-se a vontade. Para Unamuno isto é um factor social<sup>6</sup>. O soneto possui um contexto de inspiração externa modelada quer na mente do poeta Unamuno, quer no modelo lógico-normativo e social da própria linguagem poética. Por tanto existe uma mistura de inspiração a partir do pensamento alheio, e de aplicação diligente e esforço na composição poética. Prova disso é a utilização da sobreposição na composição dos versos<sup>7</sup>.

O ânimo poético de Unamuno é aquele do espírito do pensador que necessita expressar-se. Trata-se dum poeta do pensamento, dum pensador do homem. Deste modo, pode se ler a conformação poética clássica dos sonetos, com frequência interpretada como uma forma intencionada de “antimodernismo” e de procura dos sonetos barroquistas<sup>8</sup>. O “poeta das ideias” parece obscurecer a poesia das formas. Além do debate filológico sobre as formas, é importante reparar na revitalização do espaço da poesia unamuniana no conjunto da sua obra para o próprio entendimento das “ideias” em elas expostas. Unamuno é um pensador e poeta<sup>9</sup> que se afasta dos excessos do esteticismo “cosmético”, do preciosismo estético, da poética da *arte pela arte*<sup>10</sup>; mas que procura na contemplação da realidade a metáfora do interior do

---

<sup>6</sup> En su artículo “El desinterés existencial”, publicado no diário de Buenos Aires *La Nación* (3-III-1911), Unamuno escreve: “desde hace algunos meses me ha dado por escribir sonetos y la mayor parte de ellos los escribo no para desarrollar o condensar un pensamiento o una sensación, sino para desarrollar un endecasílabo, una frase que me gusta. Así, leyendo en Shakespeare: «silent thought» se me ocurrió este endecasílabo: «el dulce y silencioso pensamiento», y creí que era un buen germen de todo un soneto. Y muchas veces cuando escribo el primer verso no sé lo que voy a decir en el segundo. A lo que ayuda la rima, a la que tanto he desdeñado, pero con la que empiezo a congraciarme. Porque la rima... es una fuente de asociación de ideas, y una fuente que no depende de la voluntad. Es el lenguaje que se nos impone; es algo social; algo objetivo”. Cf. M. GARCÍA, *Don Miguel de Unamuno y sus poesías. Estudio y antología de poemas inéditos no incluidos en sus libros*, Universidad de Salamanca, Salamanca 1954, pp. 172 ss; F. YNDURAIN, “Unamuno en su poética y como poeta”, in ID., *Estudios de crítica literaria*, Gredos, Madrid 1969, p. 80.

<sup>7</sup> J. CHICHARRO, “El arte de Unamuno en el Rosario de sonetos líricos”, *Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno*, 10 (1960) 38.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 30.

<sup>9</sup> Cf. J. M. VALVERDE, “Notas sobre la poesía de Unamuno”, en *Primeras jornadas de lengua y literatura Hispano-americana II*, Acta Salmaticensia Salamanca 1956.

<sup>10</sup> F. J. ESCOBAR, “«Minerva y el águila de Patmos». Tradición clásica y referentes simbólicos en la obra poética de Miguel de Unamuno”, *Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno*, 45 (2008) 14.

homem<sup>11</sup>. A poesia é a forma onde melhor se exprime a profundidade da alma na sua complexidade, na vontade criativa atenuada pela lógica normativa e social da rima do soneto. A vontade unamuniana é uma faculdade, mas também é uma força apetitiva subadjacente o mundo fenoménico. A poesia representa em certa medida a luta que Unamuno observa entre vontade e razão. “O que de imediato surpreende, neste *corpus* literário, – afirma Isilda Leitão sobre o poemário *Rosario de sonetos líricos* – é o antidogmatismo, o espírito aberto e heterodoxo, o fecundo e permanente diálogo interior, diálogo feito de tensões, de antagonismos, de complementaridades; surpreende a constante tensão e complementaridade de forças agónicas, agonismo mantido até ao final, sem síntese final”<sup>12</sup>. Uma confrontação da qual nasce a fé que postula a existência num Deus imortalizador<sup>13</sup>.

A forma rítmica rende lógica a força da vontade, mas não anula a inspiração do autor. E o primeiro verso da poesia “Não mão de Deus” torna-se inspiração. E isto não é esquisito, nem invulgar, em quanto que Antero de Quental é o autor português mais citado por Unamuno<sup>14</sup> e Portugal é – além de uma terra querida e tratada<sup>15</sup>, Espinho singularmente<sup>16</sup> – um lugar onde compor poesias<sup>17</sup>. Ele interessou-se especialmente pelos *Sonetos* anteriores<sup>18</sup>, porquanto Antero de Quental é “el gran poeta portugués, el más intenso acaso de cuantos la Península ha producido en el pasado siglo...”<sup>19</sup>.

---

<sup>11</sup> “El universo visible es una metáfora del invisible, del alma, aunque nos parezca al revés” (Miguel de Unamuno, *Obras Completas*, I, ed. M. GARCÍA, Escelicer, Madrid 1966, p. 496)

<sup>12</sup> I. R. LEITÃO, “Asas terrestres e asas aéreas no imaginário poético de Antero de Quental e Miguel de Unamuno”, in Á. MARCOS DE DIOS (ed.), *Aula Ibérica*, Ediciones Universidad de Salamanca, Salamanca 2008, p. 469. A autora tem apresentado a sua tese de doutoramento sobre o tema: *Antero de Quental e Miguel de Unamuno, As Imortais Contradições*, Universidad de Barcelona, Barcelona 2004.

<sup>13</sup> M. SECCHI, “La filosofía de Unamuno. Implicaciones y derivaciones místicas”, *Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno*, 45 (1998) 81-94. “La lucha interna en la conciencia, entre la razón que niega cualquier anhelo de inmortalidad del alma y la voluntad que aspira a la inmortalidad, constituye el punto central de la filosofía unamuniana” (p. 82).

<sup>14</sup> Á. MARCOS DE DIOS, “Muerte e inmortalidad en Antero Quental, según Unamuno”, in C. FLÓREZ, *Tu mano es mi destino. Congreso internacional Miguel de Unamuno*, Ediciones Universidad de Salamanca, Salamanca 2000, p. 312.

<sup>15</sup> Cf. M. DE UNAMUNO, *Escritos de Unamuno sobre Portugal*, ed. Á. MARCOS DE DIOS, Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, Paris 1985.

<sup>16</sup> Lugar de veraneio de Miguel de Unamuno, como recuerda su nieta: “No sé las razones de elegir Becedas. Pero supongo que una fundamental sería la proximidad a Salamanca, lo mismo que en el caso de algunos pueblos portugueses –Figueira de Foz, Espinho– donde también veraneó, siempre acompañado de su mujer y sus hijos” (M<sup>a</sup> C. DE UNAMUNO, “Don Miguel de Unamuno en mi recuerdo. Docencia y escuela”, *Didáctica (Lengua y Literatura)* 11 (1999) 262.

<sup>17</sup> Cf. J. GARCÍA, *Unamuno y Portugal*, Gredos, Madrid 1971<sup>2</sup>. Cf. M. DE FERDINANDY, “Unamuno y Portugal”, *Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno*, 2 (1951) 111-131.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 312.

<sup>19</sup> “Pero es mejor que no el que me oigáis a mí el que oigáis aquellos dos estupendos sonetos del gran poeta portugués, el más intenso acaso de cuantos la Península ha producido en el pasado siglo y tal vez en otros...”. M. DE UNAMUNO, *Tribuna Médica* (año III, núm. 13, febrero de 1909), citado em M. García, *Don Miguel de Unamuno y sus poesías*, cit., p. 146.

Unamuno tem traduzido dois dos seus sonetos presentes em “Redenção” (I e II) e escrito o artigo: “Sobre una sentencia de Antero de Quental”<sup>20</sup>. O poeta das Açores representava uma perfeição de expressão da tensão espiritual que Unamuno conseguia, aliás, através da narrativa. Em, Antero de Quental “poesia e filosofia – escreve Joaquim de Carvalho – compenetraram-se, assim, intimamente, e a compenetração, se por um lado conduz à interrogação sobre se a índole do génio anterior foi poética ou metafísica, por outro confere permanentemente atualidade à sua obra”<sup>21</sup>.

Todos estes elementos justificam os estudos realizados sobre ambos pensadores e mesmamente sobre a sua obra poética<sup>22</sup>. Alguns estudiosos assinalam a complexidade religiosa no período do fim do século XIX e inícios do século XX na Península Ibérica. A complexidade de respostas perante a modernidade a partir do espírito do catolicismo presente no fundo do pensamento. Concretizando, Steffen Dix, indica as posições de Antero de Quental e Miguel de Unamuno, nas suas formas, como paradigmas das relações dos intelectuais com a questão religiosa em Portugal e Espanha respectivamente, e que manifestam uma real e verdadeira tragédia perante a “perda” da religião na Península Ibérica<sup>23</sup>.

A verdade é que Antero representa para Unamuno a trágica procura do infinito e da eternidade do homem<sup>24</sup>, em tanto que “Antero ansiaba sobre todas las cosas la inmortalidad personal, y no la dilución en una Conciencia universal”<sup>25</sup>, afirma o professor de Salamanca Ángel Marcos de Dios. Antero é “una de las almas más atormentadas por la sed de infinito, por el hambre de eternidad”<sup>26</sup>, ao dizer de Unamuno. E ele conhece-lhe bem, as suas leituras são preferencialmente filosóficas e religiosas. As fontes (bíblicas e clássicas), os autores de temáticas religiosas (de Santo Agostinho até William James passando pelos místicos), os teólogos, especialmente protestantes (Lutero Loissy ou Schliermacher) e os “poetas preocupados pela existência desde um ponto de vista sobretudo escatológico”,

---

<sup>20</sup> M. DE UNAMUNO, *Obras Completas*, cit., IV, pp. 1326-1331.

<sup>21</sup> J. DE CARVALHO, *Evolução espiritual de Antero e outros escritos*, Antília – Secretaria da Educação e Cultura – Angra do Heroísmo, Maia 1983, p. 9.

<sup>22</sup> Cf. I. R. LEITÃO, “Asas terrestres e asas aéreas no imaginário poético de Antero...”, cit., pp. 495-505.

<sup>23</sup> S. DIX, “Miguel de Unamuno und Antero de Quental Iberische Religionskritik, einbrechende Moderne und die Tragik des Verlustes”, *Zeitschrift für Religions- und Geistesgeschichte*, 59 (2007) 311-330.

<sup>24</sup> Cf. J. GARCÍA, “Unamuno y el sentimiento trágico de Antero de Quental”, *Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno*, 11 (1961) 27-65.

<sup>25</sup> Á. MARCOS DE DIOS, “Muerte e inmortalidad en Antero Quental, según Unamuno”, cit., p. 317.

<sup>26</sup> M. DE UNAMUNO, “Por tierras de Portugal y España”, *Obras Completas*, cit., I, p. 190.

destaca-se entre outros (Shakespeare, Thomson, Byron, Dante, Bécker, Machado...) Antero de Quental<sup>27</sup>:

“El pobre Antero que acabó por suicidarse, es alma que puede ponerse junto a las de Thomson (el del siglo pasado), Sénancour, Leopardi, Kierkegaard y los más grandes desesperados... Quental ha sido una de las almas más atormentadas por la sed de infinito, por el hambre de la eternidad. Hay sonetos suyos que vivirán cuanto viva la memoria de las gentes, porque habrán de ser traducidos, más tarde o más temprano, a todas las lenguas de hombres atormentados por la mirada de la Esfinge”<sup>28</sup>.

### **En la mano de Dios**

Cuando Señor nos besas con tu beso  
que nos quita el aliento, el de la muerte,  
el corazón bajo el aprieto fuerte  
de tu mano derecha queda opreso.

I en tu izquierda, rendida por su peso  
quedando la cabeza, á que revierte  
el sueño eterno, aun lucha por cojerte  
al disiparse su angustiado seso.

Al corazón sobre tu pecho pones  
y como en dulce cuna allí reposa  
lejos del recio mar de las pasiones,

mientras la mente libre de la losa  
del pensamiento, fuente de ilusiones,  
duerme al sol en tu mano poderosa

### **Na mão de Deus**

Na mão de Deus, na sua mão direita,  
*Descansou afinal meu coração.*  
*Do palácio encantado da Ilusão*  
*Desci a passo e passo a escada estreita*

*Como as flores mortais, como que se enfeita*  
*A ignorância infantil, despojo vão,*  
*Depus do Ideal e da Paixão*  
*A forma transitória e imperfeita.*

*Como criança, em lóbrega jornada,*  
*Que a mãe leva no colo agasalhada*  
*E atravessa, sorrindo vagamente,*

*Selvas, mares, areias do deserto...*  
*Dorme o teu sono, coração liberto,*  
*Dorme na mão de Deus eternamente!*

O soneto de Unamuno e livre da aquele de Quental, mas existe a partir da mão do soneto anterior. Elementos comuns aparecem de forma singular. Elementos vitais, existenciais que apenas com a poesia aparecem paradoxalmente em toda a sua e profunda extensão filosófica, porque a existência aparece de forma dramática e trágica, e quando é pensada por Unamuno, antes por Antero, expressa-se – si pretende ser libertadora – de forma poética. Neste sentido o ritmo – poético – do soneto outorga razão a aquilo que se apresenta ao homem nascido do romanticismo apenas na sua irracionalidade. E junto ao *logos* do ritmo poético, o ritmo é, também, cadência, propriamente ritmo, é música, canto. As trevas da existência nua pensada filosoficamente tornam-se luz na expressão da poesia. Assim as duas fases se

<sup>27</sup> M<sup>a</sup> C. DE UNAMUNO, *Miguel de Unamuno y la cultura francesa*, Ediciones Universidad de Salamanca, Salamanca 1991, p. 21.

<sup>28</sup> M. DE UNAMUNO, “Por tierras de Portugal y España”, *Obras Completas*, cit., I, p. 190.

concretizam em Antero, e também mais tarde, de outra forma, em Unamuno, como em outros autores<sup>29</sup>.

Aparecem em verdade as afirmações do António Sérgio na introdução aos *Sonetos* do poeta português: “E um voo másculo; é um hino à luz; é o Antero filósofo e reformador social; é o Antero apóstolo e anunciador do futuro, o servidor da Justiça, o batalhador pelo Bem... Há pois um Antero lutuoso e túrbido, que é para o Antero apostólico, ascensional e apolíneo”<sup>30</sup>. Dualidade existente em tudo homem que no romanticismo exacerba-se e em Antero – na sua obra – são “levadas ambas ao seu máximo grau”<sup>31</sup>. O paradoxal de Antero (dos sonetos anterianos<sup>32</sup>) não é sino valentia – outra coisa diferente é a cordura existencial – de pensar na própria vida para além de si, olhar para inconsistência de si próprio como exemplo da perenidade do subjetivo, quando “o alvo do pensamento é o universalismo... Antero – afirma Joaquim de Carvalho – ultrapassou a vivência psicológica para se elevar a uma concepção universal da desvalia da própria existência”<sup>33</sup>. Tal vez o seu impulso consiste em fugir dum *humanismo radical* que as vezes leva para si ao dizer de alguns: “Antero de Quental – afirmava J. Pabón – expõe a existência a sua, aquela do homem, aquela do quem vive no instante em Portugal, aliás a existência de Portugal... Trata-se a aproximação anteriana de um *Humanismo radical* ao dizer de alguns”<sup>34</sup>.

*Na mão de Deus* é, tal vez, um soneto de compreensão mais do que evasão, onde coloca-se. Mais perto a contemplação que ao abatimento, assim, não é tal vez o fruto da contemplação abandonar-se nas mãos de Deus, o desejo de partir do efêmero para o universal, como dizia Teresa de Ávila?:

---

<sup>29</sup> Cf. L. R. DOS SANTOS, “Géneros flutuantes. Filosofia e poesia em Antero de Quental e Fernando Pessoa”, in P. CALAFATE – X. AGENJO – J. L. MORA, *Filosofía y literatura en la península ibérica. Respuestas a la crisis finisecular*. I Jornadas Luso-Espanholas de Filosofía, Lisboa, 26 y 27 de noviembre de 2009, Fundación Ignacio Larramendi – Centro de Filosofía da Universidade de Lisboa – Asociación de Hispanismo Filosófico, Madrid 2012, pp. 189-212.

<sup>30</sup> A. SÉRGIO, “Nota Preliminar do Organizador da presente edição”, in ANTERO DE QUENTAL, *Sonetos*, ed. A. SÉRGIO, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa 1972<sup>4</sup>, p. XIX. Sobre o tema cf. J. E. GUERREIRO, *A ideia da morte nos Sonetos de Antero de Quental*, dissertação para a obtenção do grau de mestre em Literatura – Especialização em Literatura Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, Faro 2008. Disponível em [sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/280/.../TESE.pdf](http://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/280/.../TESE.pdf). Consultado o 25 de Fevereiro de 2015. Resumo publicado em J. E. GUERREIRO, “A ideia da morte nos Sonetos de Antero de Quental”, *Brotéria. Cristianismo e cultura*, 175 (2004) 273-288.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. XX.

<sup>32</sup> “Assim se dá normalmente conta da poesia de Antero, fazendo dela expressão duma meditação sobre os opostos comuns, ou melhor, sobre a trivialidade das oposições lexicais com pretensões ontológicas” (A. PIMENTA, “Antero de Quental: método paradoxal, pontual”, *Revista de Guimarães*, 102 (1992) 249-266).

<sup>33</sup> J. DE CARVALHO, *Evolução espiritual de Antero...*, cit., p. 9.

<sup>34</sup> J. PABÓN, *La Revolución portuguesa. I. De don Carlos a Sidonio Paes*, Espasa Calpe, Madrid 1941, I, pp. 10-14.

Muero sin vivir en mí  
y tan alta vida espero  
que muero porque no muero...

!Ay, que larga es esta vida,  
qué duros estos destierros,  
esta cárcel y estos hierros  
en que el alma está metida!  
Solo esperar la salida  
Me causa dolor tan fiero  
Que muero porque no muero...

Com o soneto escrito em situação de contemplação, naquela “casa erma” onde, dez Antero, “Leio e penso – ou imagino que penso”<sup>35</sup>. Soneto, então, de compreensão e de situação daquilo anelado pela reflexão filosófica: “Saibamos compreender a Morte, que é a única maneira de sabermos compreender a Vida e de sabermos viver”<sup>36</sup>. Talvez tragédia de Antero, a compreensão filosófica exprime-se nele, mais abandonado à ideia com pretensão de verdade quando “por muito tempo... se exprimiu pela boca do poeta”<sup>37</sup>. A morte não é nesta situação afastamento pelo pessimismo, é abandono do espírito libertado do sofrimento da existência, num momento onde o poeta chega onde o filósofo não chega, onde o filosofar deseja elevar-se. Ele assim o expressa nas linhas que precedem o soneto em carta a João de Deus (Vila do Conde, 29 de Julho de 1882)<sup>38</sup>:

*“E agora aí vai um soneto. Será talvez o primeiro de que gostes por mais alguma coisa que só pela forma.*

*O meu pessimismo tem-se desvanecido com esta vida contemplativa no meio da boa natureza. Reconheci que andar por toda a parte a proclamar, com voz lúgubre, que o mundo é vão, era ainda uma última vaidade... lá vai o soneto –“*

Em Unamuno abandonar-se nas mãos de Deus é libertar-se do trágico da existência toda vez que a crença em Deus nascida da experiência do cristianismo nasce e cresce,

---

<sup>35</sup> A. DE QUENTAL, “À António de Azevedo, Vila do Conde (6 de Junho de 1885)”, *Anotações e comentários. Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX*, in *Obras completas, III. Filosofia*, ed. J. SERRÃO, Editorial Comunicação – Universidade dos Açores, Lisboa – Ponta Delgada, Azores, 1989 (1991), 217 (Cf. A. DE QUENTAL, *Cartas II 1881-1891*, in *Obras completas, VII. Cartas II*, ed. A. M. MARTINS, Editorial Comunicação – Universidade dos Açores, Lisboa – Ponta Delgada, Azores, 1989, carta 461, p. 741).

<sup>36</sup> A. DE QUENTAL, “Filosofia da morte”, *Textos II — 1887-[1885]*, in *Obras completas, III.*, cit, 79.

<sup>37</sup> A. DE QUENTAL, “À D. Carolina Michaëlis, Vila do Conde (7 de Agosto de 1885)”, *Anotações e comentários...*, cit., 217 (A. de Quental, *Cartas II 1881-1891*, cit., carta 465, p. 748).

<sup>38</sup> A. DE QUENTAL, *Cartas II 1881-1891*, cit., p. 391.

como em Tolstoi, na existência e não na doutrina<sup>39</sup>, e na sua experiência existencial. Não podemos encerrar a experiência religiosa em categorias doutrinárias ou filosóficas<sup>40</sup>, as crenças religiosas desde a experiência humana têm uma vocação de expressão poética, porém sejam profundamente filosóficas, não podem nem devem descansar em filosofia, sino dormir “en la mano de Dios”, “liberado de la losa del pensamiento”<sup>41</sup>.

A poesia expressa em Unamuno, como em Antero, o abandono místico: contemplativo em Antero (na altura mais vital), o sono místico, barroco “Y si la vida es sueño, ¡déjame soñarla inacabable!”<sup>42</sup>. E a mística embebida em poesia abrange cotas que as filosofias não compreendem. “O Deus da Humanidade – dez o Antero ensaísta – é o mesmo homem: e o seu Ideal, a religião da Vida”<sup>43</sup>. Mas o Antero poeta, animado e não pessimista, pode dizer que “Depus do Ideal e da Paixão / A forma transitória e imperfeita”, pode abandonar-se no Deus do além, na sua mão direita. E pode inspirar a procura certa de Deus daquele que confessa: “Busqué muchos años a Dios por camino lógico y Dios se me deshizo en su idea. Con razonamientos y pruebas teológicas llegué a la idea de Dios, no a Dios mismo. Y Dios se me veló tras de las ideas que de Él logré, y quedé sin Dios”<sup>44</sup>. E que libertado dessa lógica pode atingir a verdade metafísica da existência aquele Deus que oferece-lhe uma cálida mão. De paixões, de sonos..., mais de morte e sempre dos interrogantes filosóficos da existência da vida... de essas formas poderíamos ainda falar, mas agora e já nos confiamos “Na mão de Deus, na sua mão direita” (A. de Quental), na sua “mano poderosa” (Unamuno).

---

<sup>39</sup> A. HAMLING, “Tolstoi, Unamuno y existencialismo cristiano”, *Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno*, 38 (2003) 98.

<sup>40</sup> Rodrigo Segarra fez um listagem de categorização interpretativa dos historiadores sobre a conceição religiosa de Unamuno. R. SEGARRA, “Eso *Anthropos*. Claves para la comprensión de la fe en Miguel de Unamuno”, *Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno*, 30 (1995) 125-126.

<sup>41</sup> “El cáncer de la Iglesia es el racionalismo, ese racionalismo contra el que no cesa de clamar. Ha querido hacer de la religión una filosofía”, escribe Unamuno en uno de sus ensayos. M. de UNAMUNO, *Obras Completas*, cit., III, pp. 859. Citado em M. GELABERT, “La fe que brota de la esperanza”, *Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno*, 32 (1997) 104.

<sup>42</sup> “Podemos acaso nosotros, pobres sueños soñadores, soñar lo que sea la vela del hombre en tu eterna vela, Dios nuestro? ¿No será la bondad resplandor de la vigilia en las oscuridades del sueño? ... Y si la vida es sueño, ¡déjame soñarla inacabable!”. (M. DE UNAMUNO, *Vida de D. Quijote y Sancho*, Espasa-Calpe, Madrid 1938, p. 345).

<sup>43</sup> A. DE QUENTAL, “A Bíblia de humanidade de Michelet. Ensaio crítico. 2º Artigo” publicado em *O Século XIX*, *Textos I – 1860 [1866]*, in *Obras completas*, III., cit, 17.

<sup>44</sup> M. DE UNAMUNO, *Tratado sobre el amor de Dios*, inédito, conservado na Casa-Museo Unamuno, 12.1.2/392 citado em M. SECCHI, “La filosofía de Unamuno. Implicaciones y derivaciones místicas”, *Cuadernos de la Cátedra Miguel de Unamuno*, 45 (1998) 88.